

@cetera

O DESAFIO DA HUMANIZAÇÃO DO PARTO EM PORTUGAL: QUESTÕES ESSENCIAIS NA ACTUALIDADE

RITA CORREIA

HUMPAR – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PELA HUMANIZAÇÃO DO PARTO

A Humanização do parto é um tema muito em voga hoje em dia. Mas afinal, em que consiste “humanizar o parto”? Para a maioria dos médicos e directores de serviço, humanizar o parto é proporcionar melhores condições e conforto às parturientes, permitir-lhes um acompanhante durante o trabalho de parto e proporcionar um atendimento mais gentil e simpático durante esse momento tão importante da vida familiar. Nesse seguimento, várias maternidades do país dotaram-se de infra-estruturas mais modernas, muitas delas até com a opção de quartos individuais onde a mulher pode parir em maior conforto e privacidade. Por outro lado, a epidural é hoje uma realidade na larga maioria dos serviços de obstetrícia e, em muitos deles, é administrada logo no início do trabalho de parto, mesmo sem que a mulher a tenha solicitado expressamente, sendo também este um indicador de humanização dos serviços, na óptica dos médicos.

Muitos hospitais publicitam o seu serviço de obstetrícia promovendo a ideia de um “parto sem dor” quando, na verdade, o que oferecem é uma taxa de epidural acima dos 90%. Questionados em relação aos procedimentos protocolares, a maioria deles contrária às indicações da Organização Mundial de Saúde, os médicos são peremptórios a afirmar que todos são absolutamente necessários, e que o fazem em nome da suprema segurança da parturiente e do bebé, que um parto é sempre um risco e que há que usar a tecnologia ao alcance para minorar esse risco e, de certa forma, “controlar” o processo para que decorra da forma mais tranquila possível. Há, portanto, todo um discurso de tranquilização, por um lado, mas de completa desresponsabilização, por outro, das utentes dos serviços: as mulheres.

Mas será realmente nisto que consiste a humanização do parto e do nascimento? Ou seja, hospitais mais bonitos e arejados, enfermeiras simpáticas e atenciosas? Epidurais à disposição? Não parece que seja... Por muito desejável que as maternidades se tornem cada vez mais sítios agradáveis (na medida das possibilidades), e que as enfermeiras e demais prestadores de cuidados de saúde dessas unidades sejam simpáticos e atenciosos, humanizar não é, nem pode ser, distribuir sorrisos bonitos enquanto se fazem intervenções desnecessárias e não se dá a possibilidade às mulheres de escolherem como querem que decorra o seu parto. Decidirem, de forma informada e consciente, de participarem de forma activa e responsável num dos momentos mais marcantes das suas vidas.

Humanizar o parto, segundo a maioria dos activistas desta causa, consiste na devolução do protagonismo às mulheres. Humanizar o parto é dar voz às mulheres e colocá-las na hierarquia do acontecimento. É saber quais são os seus anseios, desejos e medos para o acontecimento mais marcante das suas vidas. É ouvir a sua opinião e respeitar as suas escolhas e, acima de tudo, é dar-lhes a devida informação para que possam tomar as suas decisões de forma consciente e informada.

Nesta forma de ver a humanização, ela tanto pode acontecer quando se respeita e apoia a vontade de uma mulher parir em casa, como quando se respeita e apoia a vontade de uma mulher ter uma cesariana programada sem ter qualquer indicação médica para tal. Porém, enquanto o primeiro quadro (parir em casa) ainda é visto por muitos como um acto irreflectido e irresponsável, pondo em causa a saúde e segurança da mulher e do bebé, o segundo quadro (cesariana programada) é muito comum hoje em dia, completamente aceite, quer pela opinião pública, quer pelos médicos, embora comporte mais riscos para a saúde da mãe como do bebé.

E porque é que assim acontece? Principalmente porque a obstetrícia moderna não vê o parto como um acto natural e fisiológico, mas sim como um grande risco para o organismo feminino e, conseqüentemente, para o bebé, que precisa de ser monitorizado, controlado e intervencionado com vista a um resultado feliz e satisfatório. O obstetra francês Michel Odent chega mesmo a dizer que o que é preciso não é “humanizar o parto”, mas sim “desumanizar ou mamiferalizar” o parto. Ele defende que quanto menor for a intervenção humana, melhor. E que só se deve lançar mão de evoluções tecnológicas em casos de complicações, opinião muito criticada pela maioria dos seus colegas.

Por trás dos modelos actuais de assistência ao parto subjaz a ideia de que a mulher não está em condições de decidir sobre o que é melhor para si e para o seu bebé, que precisa de se sujeitar às decisões tomadas por um médico, simbólica e hierarquicamente superior a si própria. Dar voz às mulheres, educá-las, informá-las, ainda é visto por

muitos especialistas como uma tarefa desnecessária, uma vez que apenas eles sabem o que é melhor para elas e para o seu parto. Por outro lado, mulheres informadas, que tentam lutar pelos seus direitos, são vistas como perigosas e de certa forma subversivas, precisamente porque põem em causa os procedimentos e protocolos, ameaçando directamente a hierarquia vigente.

A informação e a educação das pessoas sempre foi vista como perigosa ao longo da história, e por isso, em muitas situações, as pessoas são mantidas na ignorância para que outros possam decidir por elas. A humanização do parto passa por informar as mulheres e voltar a encarar o parto como um acontecimento natural/fisiológico e do domínio feminino, ideia em si demasiadamente perigosa numa sociedade mecanizada, industrializada e paternalista.

Este tema só agora começa a ser debatido em Portugal, com bastante descrédito por parte da classe médica. Seria importante que todos percebessem que este é um tema que tem percorrido todas as sociedades ocidentais e industrializadas e que a vontade de as pessoas o debaterem se prende com o facto de não estarem satisfeitas com os modelos vigentes. Fechar os olhos e as portas ao diálogo, insistindo na necessidade imperativa da medicalização do parto promove o afastamento e a crispação, em vez de contribuir para um diálogo construtivo e alargado. A humanização do parto e nascimento não é possível com mulheres caladas e sem voz. São elas que têm de lutar pelos seus direitos, em particular, o direito à informação e auto-determinação.

O caminho não é voltar as costas aos avanços científicos e criar guerras desnecessárias, mas sim dialogar de forma abrangente e livre, colocando as mulheres no centro de toda a questão, dando-lhes toda a informação possível para que possam decidir de forma segura, de acordo com as suas crenças e concepções morais. Urge criar modelos de saúde e assistência ao parto que coloquem as mulheres no centro das decisões. Este, sim, é o grande desafio da “humanização”.